

ASLAN, Reza. Zelota. *A vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Alberto Melquizedek Samucuta¹

Por que os escritores dos evangelhos iriam tão longe para amainar o caráter revolucionário da mensagem e do movimentos de Jesus?²

Eis a pergunta feita por Reza Aslan no início de sua obra instigante, e, em certa medida provocante. É possível sentir, ao ler as páginas do livro, não uma declaração de revolta para com a tradição do Jesus o Cristo, mas declarações de alguém que foi impactado pelo Jesus da história e, portanto, está partilhando o que também foi alvo de afetação. É em certa medida provocante, porque Aslan problematiza muitas das crenças do imaginário popular da cristandade; sua conclusão não visa nos trazer uma rivalidade entre o Jesus de Nazaré e o Deus encarnado, colocando seus leitores num estado de confusão mental e ausência de sentido, pelo contrário, e agora em suas próprias palavras, “o Jesus o homem, é tão atraente, carismático e louvável como o Jesus, o Cristo. Ele é, em suma, alguém em que vale a pena acreditar”.³

Reza Aslan é um iraniano-americano, especialista em assuntos religiosos, nas temáticas de Novo Testamento, grego bíblico, história, sociologia e teologia das religiões, cujos livros têm sido considerados

¹ Angolano residente no Brasil. Graduando em Teologia pela Faculdade Refidim, Jlle/SC. Graduando em Psicologia na Associação Catarinense de Ensino (ACE) – Joinville. Membro do GEP (Grupo de Estudos Pentecostais) da Faculdade Refidim.

² ASLAN, Reza. Zelota. *A vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 21.

³ ASLAN, 2013, p. 233.

relevantes na contemporaneidade. Seu primeiro livro, *No god but God*, foi considerado um dos mais importantes dos anos 2000.

Em seu livro, procura mostrar por um lado, que é um equívoco equiparar os escritos bíblicos dos anos 70 d.C. (Marcos), 90-100 d. C. (Mateus e Lucas) e 100-110 d.C. (João) à noção que se tem de história enquanto conceito propriamente moderno, submetida à análise, portanto, minuciosa correspondência de fatos. Ao saber disso, Aslan oferece a seguinte advertência quando se refere a narrativa de Lucas sobre a infância de Jesus:

Esta é uma questão extremamente difícil para os leitores modernos dos evangelhos entenderem[...]. A noção de história como uma análise crítica dos fatos observáveis e verificáveis do passado é um produto da era moderna; teria sido um conceito totalmente estranho para os escritores dos evangelhos, para quem a história não era uma questão de descobrir *fatos*, mas de revelar *verdades*.⁴

Temos aqui, uma diferenciação de olhares que na obra, faz com que possamos perceber *de que* lugar os escritos a respeito de Jesus foram escritos e *em que* lugar nos diferenciamos (enquanto modernos) deles. Aslan esclarece que “[...] a maioria das pessoas do mundo antigo, não faziam uma distinção nítida entre mito e realidade; os dois estavam intimamente ligados em sua experiência espiritual”.⁵

Depois de situar o leitor ante o aparente conflito na interpretação dos escritos sobre o Jesus da história e as metodologias modernas, posteriormente expor a o escassez de material, ele então posiciona-se:

Se expusermos as reivindicações dos evangelhos ao calor da análise histórica, podemos limpar as escrituras de seus floreios literários e teológicos e forjar uma imagem muito mais precisa do Jesus histórico. De fato, se nos comprometermos a colocar Jesus firmemente dentro do contexto social, religioso e político da época em que ele viveu – uma época marcada por uma persistente revolta contra Roma que

⁴ ASLAN, 2013, p. 56.

⁵ ASLAN, 2013, p. 56.

iria transformar para sempre a fê e a prática do judaísmo -, então, de certa forma, sua biografia se escreve por si própria.⁶

É a partir desse exercício histórico de inserir Jesus no tempo e no espaço, que podemos perceber, segundo Aslan, que na verdade, “o Jesus que emerge [...] – um revolucionário fervoroso arrebatado [...] pela agitação política e religiosa da Palestina do século I – tem pouca semelhança com a imagem do manso pastor cultivado pela comunidade cristã primitiva”.⁷

O livro se desdobra a partir daquilo que Aslan chama de *Um tipo diferente de sacrifício*; nele, narra o assassinato do sumo sacerdote Jônatas, filho de Ananus por volta de 56 d.C.; este acontecimento - sem dúvida muitos judeus queriam realiza-lo - é narrado numa época em que os judeus nutriam grande repulsa e indignação para com a classe sacerdotal, de tal forma, que mantinha uma espécie de “Estado feudal”, comportando toda sorte de porteiros, servos, ministros, que sustentavam grandes terras cultivadas por escravos, cobrando altos impostos no templo, se fazendo avarentos aos olhos dos seus patrícios. Neste sentido, a palestina do século I é apresentada como espaço de grande instabilidade política, sendo que várias vezes fora palco de judeus revolucionários, que obrigavam intervenções romanas cada vez mais agressivas. O templo, dirigido pelos sacerdotes organizava a vida dos judeus em todos os sentido e por isso, a melhor forma de controlar os judeus em suas explosões de revolução, era controlar o templo, transformando os sacerdotes em funcionários romanos.⁸

Em seguida, Aslan procura mostrar Jesus como um, em muitos dos revolucionários fracassados que era próprios e esperados da Palestina do século I. Apresenta Jesus como *lestai*, bandido, ou seja, “termo genérico para qualquer rebelde ou sublevado que empregava a violência armada contra Roma ou contra

⁶ ASLAN, 2013, p. 24.

⁷ ASLAN, 2013, p. 21.

⁸ ASLAN, 2013, p. 39.

colaboradores judeus”.⁹ Estes se designavam ser agentes da vingança de Deus, que abriam caminho para a restauração do Reino de Deus na terra.

Olhando para os grupos existentes na sociedade judaica, recorta os fariseus, os saduceus e os essênios; apresenta-nos em seguida, a *quarta filosofia*, os Zelotas. Estes não devem ser confundidos com o partido zelota, grupo que começaria depois da revolta judaica em 66d.C. Pelo contrário, essa quarta filosofia era um ideia de piedade ligada ao sentimento coletivo de expectativa apocalíptica partilhado por todos os judeus, especialmente pelos pobres devotos; portanto, “O reino de Deus estava próximo, mas só poderia ser anunciado pelos que tivessem zelo de lutar por ele”.¹⁰ E, portanto é aqui, para Aslan, onde o judeu de Nazaré, Jesus filho de Maria, se enquadra. Mas, apesar de todo esse idealismo revolucionário fracassar com a invasão de Tito em 70 e os zelotas, os chamados *lestai* serem tidos como a causa maior desse evento, fica demarcado que esse abalo psicológico irá nortear a conversão do Jesus implicado com a situação opressiva de seus patrícios no Jesus pregador de uma ‘vida melhor’ num outro plano existencial.

*Por que os escritores dos evangelhos iriam tão longe para amainar o caráter revolucionário da mensagem e do movimentos de Jesus*¹¹? Porque sua confiança no idealismo revolucionário a que o Jesus da história apontou fracassou e resultou na destruição do Templo e grande derramamento de sangue. Porém, apesar de Reza Aslan não ser o primeiro nessa discussão do Jesus histórico e, certamente, se requerer todo um cuidado para não radicalizar Jesus em apenas num militante utópico, sua problematização na contemporaneidade traz em debate o olhar para um Jesus que não se mostrou ignorante à realidade em que vivia, portanto, um Jesus que não estava indiferente e que se permitia afetar-se.

⁹ ASLAN, 2013, p. 44.

¹⁰ ASLAN, 2013, p. 66.

¹¹ ASLAN, 2013, p. 21.